

Coleção Remate de Males

Número 5, 1985

Páginas 69-85

ARTE ANARQUISTA ESPANHOLA DE FINS DO SÉCULO XIX

Lily Litvak

Ao tratar deste tema, devemos assinalar a grande importância que os anarquistas atribuíam à arte e à literatura. Empenhados em produzir uma arte proletária, para eles a revolução artística era tão importante quanto a revolução social, pois através da arte, da literatura e da ciência é que contavam levar os destinos do homem à sua completa redenção.¹ Essa arte deveria nascer do proletariado, produto de operários e camponeses que não fossem artistas profissionais, já que na síntese estético-político-social que os anarquistas pretendiam levar a cabo, estava prevista a destruição do status da obra de arte enquanto privilégio das classes abastadas e enquanto produto exclusivo de artistas profissionais.

Apesar de apreciar a obra de certos artistas consagrados, o desenhista típico é um homem comum, operário ou camponês, que num dado momento produz uma obra movido por seu impulso social. Essas obras artísticas possuem um valor especial que deriva justamente do ato criador, o que dá um tom fundamental à estética ácrata. Há uma recusa da perfeição formal, porque na estética libertária se considera que a arte é primordialmente uma experiência, opondo como contrários a arte que se cria e a arte que se recebe. Tende-se nela a considerar cada indivíduo como um criador em potencial e cada artista que faz da arte um ofício, como um símbolo da sociedade de classes.

Temos um exemplo interessante da aplicação prática desta teoria no jornal La Huelga General, de Barcelona, cujo número 5 publica um artigo chamado "Aos desenhistas",² que convida todos os artistas espanhóis a publicarem ali os seus desenhos. Nos números seguintes, com efeito, as colaborações começam a aparecer.

Outro aspecto fundamental da praxis artística libertária era o ataque à dependência econômica da arte na sociedade capitalista. A concepção capitalista da arte, duplamente elitista, contrapunha-se uma concepção igualitária. Isso implicava a difusão massiva da obra de arte, para cuja finalidade os anarquistas lançaram mão de todos os avanços da técnica do fim do século, entre os quais a litografia, a água-tinta, os novos processos de gravura em madeira, a fotografia e a estampa fotográfica. Eles vendiam litografias, geralmente cartazes de quarenta centímetros por vinte de largura. As vendas eram anunciadas nos jornais. Um exemplo é a litografia intitulada La Revolucion Social, reprodução de um quadro a fresco realizada por um operário anônimo. Vendia-se a 63 centavos.³

Mas entre as múltiplas conquistas da revolução técnico-científica, a que influi mais diretamente na plástica anarquista é a fotografia. Um exemplo imediato é o Segundo Prêmio do Certame Socialista de Reus, realizado a 14 de julho de 1885: uma fotografia de um grupo de operárias de Carme no momento em que eram postas em liberdade, depois de serem condenadas por questões trabalhistas. O desenvolvimento da fotografia permitiu aos anarquistas reproduzir nas páginas de suas publicações cenas instantâneas da vida operária. Por exemplo: "La causa proletaria", que mostra o final de um comício operário; "La crisis del algodón", "costumbres marineras" etc.⁴

Além de cartazes, os jornais também anunciavam a venda de retratos dos heróis do anarquismo, como Bakunin, Faure, Pallás, Tolstói, sendo que os maiores eram destinados aos centros operários, como o grupo dos Mártires de Chicago ou Jerez. Tais retratos procuravam imitar a pintura e eram concebidos como óleos tradicionais, tendo às vezes por fundo densos cortinados, ramos de oliveira e objetos alegóricos.

Além disso, os anarquistas publicavam selos, como os que foram emitidos com a finalidade de pedir a revisão do processo de Montjuich. Também produziam cartões-postais, como os da série Huelga Revolucionária, publicada em Barcelona. Tierra Libre, jornal barcelonês, anunciou, por exemplo, os postais Tramontana.⁵ Eram postais divididos em seis jogos de seis cartões, num total de trezentos e cinquenta jogos. Certos cartões-postais eram mais populares, como os do jornal Solidaridad Obrera.

A difusão massiva destas obras representava na praxis anarquista um grande divórcio entre a arte oficial e a arte viva. A experiência plástica baseava-se no imaginário impresso da grande difusão. Não eram obras destinadas a gabinetes de estetas, salões ou museus, mas experiências postas ao alcance de qualquer pessoa. As mais caras, uma ou duas pesetas, destinavam-se aos centros operários. Essas pequenas obras artísticas, postais, selos, cartazes, retratos, constituíam uma espécie de democratização da pintura.

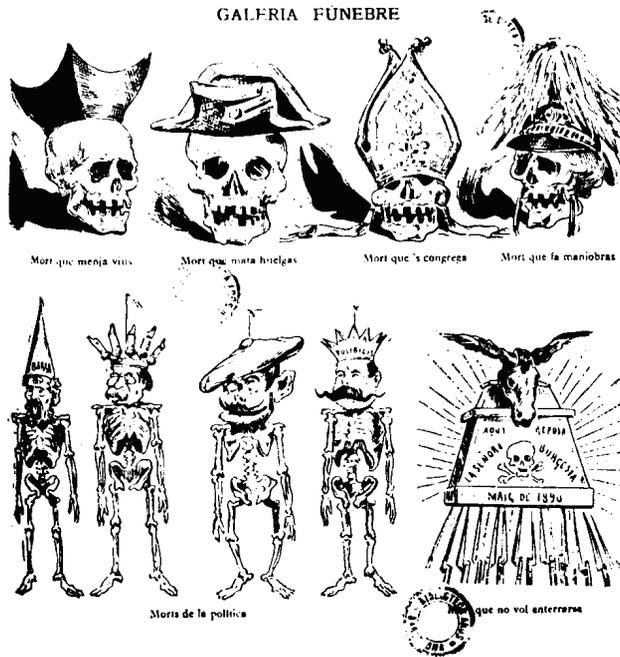
As mais interessantes, contudo, são os desenhos estampados nos jornais operários. Essa forma de publicação foi decisiva, dada a importância que tiveram os jornais na sensacional difusão das teorias ácratas da Espanha do fim do século. De curta ou longa duração, os jornais brotaram em povoados, cidades, aldeias, levando às massas proletárias as notícias da Boa Nova.

Alguns dos jornais mais importantes, do ponto de vista de seus desenhos, são, em primeiro lugar, La Tramontana (Barcelona, 1881-1893), dirigido por J. Llunas, que ilustrava praticamente todas as páginas com gravuras; La Huelga General (Barcelona, 1901-1903), fundado por Ferrer; Solidaridad Obrera (Barcelona, 1907), dirigido por Jaime Bisbal; e Tierra y Libertad (Barcelona, 1902-1913), que surgiu em continuação ao Suplemento a la Revista Blanca. Todos traziam desenhos estampados em cada edição, geralmente na primeira página e às vezes em página dobrada de centro.

Devemos mencionar também algumas das mais belas vinhetas que orlavam títulos de jornais como La Alarma (1901), Espartaco, de Barcelona (1904), ao lado de tantas outras que saíram no Solidaridad Obrera.

Se examinarmos ainda que rapidamente as características da arte anarquista, veremos que seus temas se relacionavam todos com a luta social. São desenhos por vezes grosseiros, dado que estamos diante de artistas não profissionais e pouco preocupados com a forma. O traço é geralmente um traço de linha e com muita frequência a falta de perspectiva e a superposição dos planos dão a essas obras uma fisionomia plana. É também frequente a desproporção de imagens.

A propaganda é a função primordial da arte anarquista. Daí o seu traço do expressionista, de um expressionismo figurativo que convive com a representação simbólica e alegórica das idéias e entidades abstratas. Desse modo, toda uma série de conotações teóricas constitui um campo estético superposto ao campo ideológico. Busca-se comunicar a mensagem ideológica da forma mais emotiva possível, razão pela qual o desenho mais eficaz é justamente aquele que requer menos esforço para ser compreendido.



La Tramontana, 10, núm. 483 (31 octubre, 1890), 1.

As personagens são apresentadas mediante códigos bem previstos. Ao representarem o burguês, por exemplo, os artistas tendem abertamente para a caricatura,

deformando a personagem por meio de algum traço cortante e marcadamente corrosivo.

Assim, os desenhos se apóiam em convenções corriqueiras e facilmente identificáveis e as personagens representam tipos genéricos e invariáveis, reconhecíveis instantaneamente pelo receptor. Dado que a eles vai sempre anexa a definição de uma moral, de uma ética, as idéias sociais também acabam representadas de um modo esquematizado e absoluto.

Muitas vezes os anarquistas costumam reduzir a representação do inimigo ao desenho de uns quantos sinais que o caracterizam: pilhas de dinheiro, tiaras sacerdotais, espadas. Uma boa mostra são os desenhos "Galeria funebre" e "La sabateta al bacó", saídos no jornal La Tramontana.⁶ Tais "hieróglifos" asseguram um reconhecimento imediato e são aforísticos, pois enfeixam uma grande variedade de significados sociais.

No outro extremo da luta, os anarquistas desenhavam os oprimidos. Lembremos que é nestes que o anarquismo espanhol, acentuadamente bakunista, enraizava a sua força moral.⁷ Certos desenhos se captam como tomados em flagrante, como instantâneos fotográficos em que um espectador, geralmente um menino, põe em relevo a injustiça social. As personagens pobres são sempre tópicos: o deserdado, o velho, o menino, a mulher, o aleijado, o doente, todos eles vítimas retratadas com dignidade e uma certa beleza trágica. Aparecem em geral em cenas em que são explorados pelo patrão, desalojados pelo senhorio etc. O flagrante nos põe diante de um cenário que nos permite apreciar a "verdade" num instante da realidade.

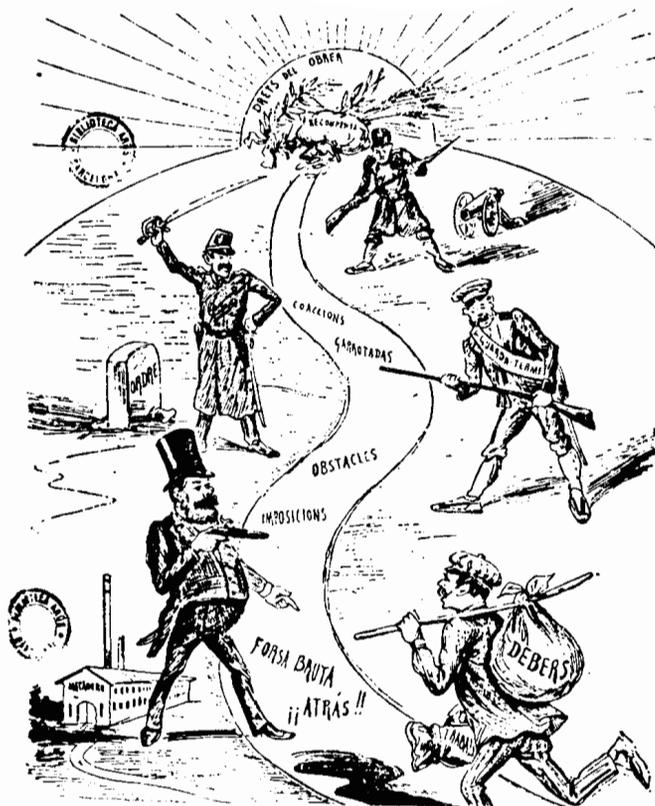
Mas os operários também aparecem focalizados em seu ambiente de trabalho. Muitas vezes numa cena industrial, concebida como lugar de produção anônima e exploradora. No centro ou no fundo, uma fábrica de aspecto sinistro, com chaminés que se erguem ameaçadoras. O trabalho é apresentado então como uma atividade corroída pelo empório industrial para o qual o proletário canaliza a sua força.

Em cenas como essa, aparecem às vezes canteiros de pedra, edificações importantes na profundidade do campo visual, opondo-se ao homem à maneira de colagem. Um exemplo é o desenho do La Tramontana que mostra um operário aleijado saindo da fábrica apoiado em suas muletas.

A rudeza do trabalho é quase sempre destacada. Um bom exemplo é o desenho alegórico saído também no La Tramontana, "Carrera d'obstacles pel obrer".⁹ No princípio de uma estrada tortuosa, o trabalhador, carregado de fardos que simbolizam "deveres" e "trabalho", procura alcançar o topo do caminho, onde um sol radiante representando os "direitos do operário" enquadra um alforge de que saem dinheiro e espigas de trigo: a "recompensa" do trabalho. O percurso está semeado de inscrições: "atraso", "força bruta", "imposições". Nas duas margens, burgueses, policiais e militares tentam detê-lo e na paisagem circundante aparece uma fábrica com a inscrição "matadouro", abaixo de um túmulo com outra: "ordem".

Essas obras servem para denunciar as condições de trabalho sob a sociedade capitalista. Reforça-se com elas a imagem do operário como força produtora e ex

CARRERA D' OBSTACLES PEL OBRER



Si vol la recompensa del treball
perque ab ell sos debers ja porta a coll,
los privilegis li dirán—, Assall'—
posantli en son camí los mals a dalt

La Tramontana, 10, núm. 476 (12 septiembre, 1890), 4.

cluída do progresso. No desenho "Los esclavos modernos",¹⁰ uma procissão de trabalhadores entra na fábrica, imensa e terrível construção que mais parece fortaleza ou prisão.

Vê-se em tais cenas o operário trabalhando, enquanto o burguês apenas assiste, como no desenho "El capital y el trabajo", saído no jornal Solidaridad Obrera.¹¹ Em primeiro plano, um gordo burguês olha o trabalho extenuante dos operários e ao fundo uma grande fábrica corta o panorama com suas chaminés fumegantes que se erguem com um ar de dureza e vitalidade antinatural.

Outras vezes o que se focaliza é o lado épico do trabalho, destacando-se então os corpos vigorosos dos proletários, com seus dorsos largos e o contorno do peito ressumando energia, ou a imaginária industrial, como a da vinheta do El Proletariado, de San Felix de Guixols,¹² com sua paisagem fabril, sua locomotiva, seus fios telegráficos. Um desenho do Solidaridad Obrera mostra uma multidão de trabalhadoras arrastando um canhão com o nome do jornal. Sobressai no conjunto da cena a figura alegórica da Anarquia.¹³ De fato, uma das técnicas mais importantes da arte anarquista é o uso das alegorias. Estas geralmente se organizam a partir de conceitos ideológicos materializados em figuras humanas. Entre as alegorias estampadas com mais frequência estão a Anarquia e a Revolução Social, esta última quase sempre uma figura de mulher vestida com uma túnica e conduzindo uma tocha, ora à frente de uma multidão de operários, ora lutando contra os inimigos do povo.

Um exemplo interessante do uso da alegoria é "Una resurrección que s'acosta", estampada no jornal La Tramontana.¹⁴ Ali, uma figura alegórica, a Revolução Social, recortada contra um sol nascente, provoca a fuga de políticos, burgueses e militares. No foco da perspectiva, intencionalmente adotado, o olho do observador encontra-se ao nível do plano baixo do quadro, provocando a redução ótica da parte superior dos corpos e um alargamento dos membros inferiores. Graças a isso, o desenho ganha uma certa força dinâmica, que dir-se-ia dar a impressão de alçar-se do chão, criando em torno da figura central uma aura de invencibilidade, de potência vitoriosa. Esse ponto de observação a partir de um nível inferior relaciona-se com a iconografia estatuária, da qual a alegoria toma de empréstimo outros elementos, já que em geral não é concebida no interior de uma ação real ou realizável, mas posta isoladamente, como na estatuária monumental. Assim concebida, sugere-nos uma imagem triunfante que não se sujeita a fatores objetivos externos: é ela própria quem impõe condições.

Vale a pena assinalar ainda, pelo nível expressivo de sua técnica, uma outra alegoria. Trata-se de "Avant sempre", que saiu também no La Tramontana.¹⁵ Ne-la, um jovem ataviado com um gorro jacobino é enquadrado contra um sol que desponta. Vai montado num carro alado e conduz um livro e uma bandeira em que se lê: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Avante Sempre". Auxiliado por outros jovens com vassouras, forcados e paus, arremetem e poêm abaixo, por todo o semicírculo inferior do quadro, pedaços de correntes, barras de ouro, gordos burgueses e baratas asquerosas, algumas das quais levando rosários e envergando barretes sacerdotais. Esses seres ma



Director: **Antonio**
 Proprietario: **Antonio**
 Redacción y Administración: **Madrid 19, plaza de Sol**
 Número 1910

Congreso Obrero Nacional

En las páginas de este número del periódico "Solidaridad Obrero" se publica el programa del Congreso Obrero Nacional que se celebrará en Madrid el día 1.º de Noviembre próximo. Este programa ha sido elaborado por los representantes de los sindicatos obreros de España, que se reunieron en un congreso celebrado en Barcelona el día 1.º de Septiembre último.

Primera sesión
 En la mañana del día 1.º de Noviembre se celebrará la primera sesión del Congreso Obrero Nacional, que se celebrará en Madrid el día 1.º de Noviembre próximo. En esta sesión se leerá el programa del Congreso y se discutirá el mismo.

El programa del Congreso Obrero Nacional que se celebrará en Madrid el día 1.º de Noviembre próximo, ha sido elaborado por los representantes de los sindicatos obreros de España, que se reunieron en un congreso celebrado en Barcelona el día 1.º de Septiembre último. Este programa tiene por objeto la defensa de los intereses de los obreros españoles y la consecución de sus libertades y derechos.



El programa del Congreso Obrero Nacional que se celebrará en Madrid el día 1.º de Noviembre próximo, ha sido elaborado por los representantes de los sindicatos obreros de España, que se reunieron en un congreso celebrado en Barcelona el día 1.º de Septiembre último. Este programa tiene por objeto la defensa de los intereses de los obreros españoles y la consecución de sus libertades y derechos.

El programa del Congreso Obrero Nacional que se celebrará en Madrid el día 1.º de Noviembre próximo, ha sido elaborado por los representantes de los sindicatos obreros de España, que se reunieron en un congreso celebrado en Barcelona el día 1.º de Septiembre último. Este programa tiene por objeto la defensa de los intereses de los obreros españoles y la consecución de sus libertades y derechos.

BOICOT A "EL DILUVIO"

Solidaridad Obrero, 2.ª época, 4, núm. 39 (4 noviembre 1910).

Alegoría a la Solidaridad.

lignos e repulsivos estão desenhados como antíteses das figuras centrais. O ângulo adotado é o da perspectiva de cima, e esse enfoque contrastivo confere ao grupo central uma impressão de relevo definitiva.

Enquadrado horizontalmente, o mesmo tema produz efeitos menos abrangentes. A vinheta do jornal El Nuevo Espartaco¹⁶ apresenta um gigantetesco guerreiro romano que leva um escudo e uma espada nos quais podemos ler: "Liberdade e Justiça" e "Greve Geral". Joga com as pequenas figuras, insignificantes, dos inimigos do povo, como se fossem piões.

A vinheta do La Alarma¹⁷ apresenta a Acracia como alegoria. Esta palavra sai da chama de uma tocha que a figura conduz em sua mão direita. A mão esquerda estende-se sobre a cabeça de um homem ajoelhado e acorrentado pelo "capital". Uma multidão de operários acompanham a Acracia. Na parte inferior esquerda desponta um sol radiante com a palavra "liberdade".

O sol que desponta é um tema que nos merece atenção, pois aparece numa infinidade de composições libertárias. Sua presença constante não é fortuita e aponta sempre para o otimismo ácrata, aumentando graficamente a carga empírica do desenho. A missão simbólica das figuras alegóricas fica em geral confirmada pelo astro solar no horizonte, estendendo seus raios pela amplidão do arco cósmico. Obviamente, simboliza o porvir social, a aurora de um novo dia de redenção humana.

Outros belos exemplos do desdobramento desse tema estão nas alegorias "Lo que son las revoluciones", "Alegoría del 10 de Maig" e "Avant sempre", do jornal La Tramontana,¹⁸ e numa outra, mais elaborada, que está na gravura do título do jornal La Humanidad Libre, de Valência.¹⁹ Nesta, o sol que desponta, identificado pela palavra "Verdade", preside a uma confraternização que anuncia, no lado esquerdo, entre flores e ramos de oliveira, a família do porvir. Desse lado, estão as inscrições "Germinal" e "Amor Livre". Do outro lado da cena, temos o título do jornal desdobrando-se num caminho sinuoso semeado de amores-perfeitos e cartêzinhos com as palavras "Ressurreição", "conquista do pão", "Sociedade Futura".

O procedimento alegórico também é usado com frequência para celebrar datas de acontecimentos relevantes no calendário ácrata, tais como a comemoração do primeiro de maio, da Comuna e do 11 de novembro. Trata-se de composições por vezes muito elaboradas. No El Productor,²⁰ por exemplo, temos uma alegoria construída à base de várias cenas. Na parte inferior, umas figuras mascaradas, penduradas em patibulos, e uma mulher chorando, admoestada por um policial. No centro, as figuras dos mártires de Chicago sendo conduzidas ao cadafalso. No canto superior direito, um obelisco comemorativo indicando a data de 1871. Na parte superior esquerda, um homem com cartucho de dinamite e no centro, acima, um sol que desponta com a palavra "Lembraí", emoldurado por uma figura alegórica com a inscrição "Chicago, 11 de novembro".

Outras alegorias de que os libertários lançavam mão eram as figuras fantásticas, com as quais representavam os seus inimigos. Eram em geral serpentes, dragões alados, figuras monstruosas que encarnavam seus piores temores. Talvez possamos encontrar uma filiação direta de tais seres nas gárgulas e figuras fantásticas que os

UNA RESURRECCIO QUE S' ACOSTA



Quan ja tots els poders ja donen per morta y enterrada, ella s' aixecará potent y majestuosa
sorregant totes las institucions y suprimint totes las tiranias.

La Tramontana, 10, núm. 460 (4 abril, 1890), 1.

carpinteiros e canteiros lavraram em capitães, nos bancos e cantos obscuros das igrejas medievais. A função da gárgula medieval deve ter sido muito similar à destas figuras anarquistas, ou seja: exorcizar os demônios. Sua forma de representação era um modo de superar o medo e o ódio, assumindo com plena consciência o objeto desse sentimento. Isso explica, por exemplo, que na alegoria "19 de Maig", do jornal La Tramontana,²¹ a burguesia apareça representada por uma serpente asquerosa.

Assim, entre as conclusões que podemos tirar da leitura do desenho anarquista estão as seguintes: (a) reaparece com ele uma função ético-social da arte, que exige o reconhecimento dos despossuídos, bem como a sua luta social e de seus ideais; (b) por meio dele, passa-se a valorizar mais o ato criador do que a perfeição formal, pois se considera que o ato artístico espontâneo é uma forma de ação social; (c) atribui-se mais valor ao artista espontâneo do que ao artista profissional; (d) recusa-se a arte elitista e lança-se mão da evolução tecnológica para conseguir uma difusão massiva da obra de arte.*

NOTAS

* Traduzido do original castelhano por Antonio Arnoni Prado.

1. Ver sobre a questão o nosso livro Musa Libertaria (Barcelona, 1981).
2. La Huelga General, 1 (5): 5, 25 dez. 1901.
3. La Revista Social, 2ª fase, 1 (2): 4, 22 jan. 1885.
4. La Ilustración Obrera, página de rosto, 1 (17), 11 jun. 1904; 1 (14), 4 mai. 1904; 1 (18), 14 mai. 1904.
5. Tierra Libre, 1 (4): 4, 3 out. 1905.
6. La Tramontana, 10 (483): 1, 31 out. 1890; ibid., 8 (342): 1, 6 jan. 1888.
7. Ver a respeito Aurelio L. Orensanz. Anarquía y Cristianismo (Madrid, 1978).
8. "De como se protegeix al poble", 10 (477): 1, 19 set. 1890.
9. Ibid., 10 (476): 4, 12 set. 1890.
10. "Los esclavos modernos", Solidaridad Obrera, 1 (7): 1, 30 nov. 1907.
11. "El capital y el trabajo", ibid., 1 (3): 1, 2 nov. 1907.



¡Avant sempre! y ¡sempre avant!
indarà LA TRAMONTANA;
y son crit al vent llessant,
may son pas deturarán
fiscals ni gent de sotana.

La Tramontana, 8, núm. 345 (20 enero, 1888), 1.

Barcelona, 2 Marzo de 1905

Número 4



PERIÓDICO DEFENSOR DEL IDEAL ANARQUISTA

La correspondencia se dirigirá a Juan Basora, Ferlandina 24, 3.º, 1.º

PRECIOS
Cinco céntimos

LA ALARMA

PRECIOS DE SUSCRIPCIÓN
0 50 Ptas. Trimestre
Nan medio 5 cts.
25 ejempl. 0 75 Ptas.
PAGO ADELANTADO

La anarquista "pura" no admite la interferencia del Estado del hombre, ni de los otros por él; más bien con los Anarquistas, que es una consecuencia inevitable. No se trata de esto como el tiempo perdido, sino los intereses del momento. En cuanto a nosotros los que la anarquista se queja de que la gobiernan, a de la sociedad a un punto que la gobiernan. Este hecho es un ejemplo de lo que se llama, pero, siempre en el momento de la vida de la sociedad. No se trata de esto como el tiempo perdido, sino los intereses del momento. En cuanto a nosotros los que la anarquista se queja de que la gobiernan, a de la sociedad a un punto que la gobiernan. Este hecho es un ejemplo de lo que se llama, pero, siempre en el momento de la vida de la sociedad.

PRECIOS
Cinco céntimos

F. Pla Masot.

AÑO I. EDICIÓN: CALLE SANJO, N.º 13. REUS 31 Agosto de 1901. NÚM. 2

LOS GRANDES PRINCIPIOS

unánime de los explotados y llega a ser un momento del individuo, como este lo es de la



LA IDEA LIBRE

Revista sociológica.



LA MILLOR DINAMITA (Alegoria)



Per matar la burgesia
suprimint, tot privilegi,
es precis qu'el poble segui
que la raho sempre el guia.

Ataquém, doncs, al món vell
am la raho per punyal,
qu'és l'artina més radical
dinamita de cervell.

La Tramontana, 13, núm. 625 (21 julio, 1893), 1.

Dibujo alegórico a la fuerza de las ideas, representada por *Justo Vives*, y la literatura obrerista.

12. Este jornal apareceu em 19 de fevereiro de 1890.
13. Solidaridad Obrera, 2^a época, 4 (39): 1, 4 nov. 1910.
14. La Tramontana, 10 (460): 1, 4 abr. 1890.
15. Ibid., 8 (345): 1, 20 jan. 1888.
16. Surge em Barcelona no ano de 1905.
17. Aparece em Reus a 17 de agosto de 1901.
18. Todos os exemplos estão no jornal La Tramontana: 12 (561): 8, 29 abr. 1982; 9 (530): 1, 25 set. 1891; 8 (345): 1, 20 jan. 1888.
19. Valência, aparece em 19 de fevereiro de 1902.
20. El Productor, Barcelona, 5 (561): 3, 11 nov. 1891.
21. La Tramontana, 2 (561): 8, 29 abr. 1892.



¡Orden, señores, orden!

Tierra y Libertad, 5, núm. (11 marzo, 1904), 1.

El burgués, el enemigo del pueblo, protegido por la autoridad mientras exprime al pueblo.